

Duquesne University

## Duquesne Scholarship Collection

---

I/D Informação Documentação (Portuguese)

ID and Anima Una

---

4-1-1979

### 1979 Vol. 21: Um Só Coração Uma Só Alma

A Equipe Generalícia

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/id-po>

---

#### Repository Citation

A Equipe Generalícia. (1979). 1979 Vol. 21: Um Só Coração Uma Só Alma. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/id-po/22>

This Article is brought to you for free and open access by the ID and Anima Una at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in I/D Informação Documentação (Portuguese) by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.



#####  
À ESCUTA DOS NOSSOS IRMÃOS  
 #####

Saibamos ouvi-los; comunicar-nos-ão o que eles vivem.

"FELIZ POR SER IRMÃO"

- © "... Não sei como vão evoluir os Irmãos no futuro, mas eu sinto-me feliz no nosso estatuto actual. Entre nós há completa harmonia entre Irmãos e Padres. A vida de Irmão, nos dias de hoje, oferece dificuldades, como as oferece também a do Padre, e não é fácil atrair as pessoas ao nosso modo de vida. Olho apenas para o bom trabalho que podemos fazer e que fazemos realmente." (Um Irmão irlandês, de 59 anos).
- © "...A minha razão pessoal de ser Irmão e de querer continuar a sê-lo é que <sup>tal</sup> vocação permite-me realizar o meu desejo de ajudar os que nos procuram. Posso ajudá-los de modo muito eficaz pelo meu apostolado como Irmão técnico formado. Posso ajudar os mais abandonados no seu desenvolvimento profissional cristão. Posso ajudar os mais pobres, na sua promoção humana, a melhor vencer as dificuldades da vida. Mas é necessário que nos documentos sobre os Irmãos se dê maior importância ao valor do nosso apostolado pela nossa profissão técnica profissional." (Um Irmão brasileiro, de 28 anos de idade).
- © "... Fiquei Irmão, porque tenho consciência de que isto me traz uma verdadeira realização pessoal, pelo meu trabalho em África. Temos uma pequena oficina de produção para os jovens que venham de um meio pobre e agitado. Não sou mais que um dos membros do grupo, mas sou eu que organizo e ensino. Fazemos trabalho de marceneiro, fazemos móveis, e pensamos mais tarde desenvolver-nos noutros domínios. Gostaria de ter mais cristãos para os ajudar neste projecto e estendê-lo a outros sectores da cidade." (Um Irmão irlandês na Gâmbia, de 38 anos).
- © "...O que me aguentou na minha vocação foi o testemunho do primado dos valores espirituais na vida religiosa. Nos primeiros anos aceitámos, sem nos pormos muitas questões, muitos aspectos da nossa vida religiosa. No nosso período moderno, mais "esclarecidos", os últimos anos desenvolveram vários aspectos maravilhosos; e eu sinto-me feliz com isso, como me sinto feliz por viver neste tempo em que tudo se põe em questão. Devemos pôr-nos em causa, para ver como responder o melhor possível aos novos pedidos que hoje nos são feitos." (Um Irmão Irlandês, de 57 anos).

SERVIÇOS DIFERENTES

- © "... A realização ( da nossa fraternidade) é possível, se todos nos considerarmos como missionários. Ninguém está subordinado ao serviço de um outro. Somos conhecidos, estimados, amados pelo que somos, não pelo trabalho particular. Os serviços são diferentes: ministério presbiteral ou outros ministérios. Os serviços particulares não devem "pôr uma etiqueta" sobre as pessoas. Pensamos que a Congregação terá futuro, se ultrapassar as categorias de "Padres" e "Irmãos"; que todos se reconheçam primeiro como "Espiritanos". (Um Irmão português, de 32 anos).
- © "...A Congregação, tal como evoluiu nos últimos dez anos, agrada-me; somos uma mesma família. Mas creio que, se tivéssemos ouvido ainda mais as preocupações dos Irmãos, as coisas iriam ainda melhor, e não teríamos falta deles. O que sempre feriu um pouco os Irmãos foi o paternalismo. O Irmão é religioso e missionário; frequentemente se pensa no primeiro aspecto, mas não bastante no segundo. O Irmão não tem, em geral, formação profissional e apostólica suficiente. Neste domínio há leigos e Irmãs bem formados; frequentemente os Irmãos são-no menos. Ocupar-se unicamente de trabalhos domésticos não é atraente; para isso pode contratar-se pessoal. A família espiritana compõe-se de Padres e Irmãos; é importante que trabalhem juntos, em comunidade." (Um Irmão português, de 58 anos).

## A NÍVEL DE FORMAÇÃO

*A Espanha, a França e Portugal tiraram já as consequências desta fraternidade; e isto a começar pela formação.*

- © A Província da Espanha, no seu DIRECTÓRIO, tentou, desde o início, abrir caminhos novos, para que não haja senão uma categoria de Espiritanos. Os resultados foram positivos.

O recrutamento dos jovens faz-se do mesmo modo para todos. Os candidatos que não tenham uma formação de base recebem-na numa das nossas casas. Depois dá-se a formação específica espiritana, em que está incluído o noviciado. E por fim, a formação especializada, segundo as capacidades pessoais e as necessidades da Missão. Nesta linha, três dos nossos escolásticos estudam na Assistência Técnica Sanitária, enquanto que os outros seguem cursos de Teologia. Isto não quer dizer que consideremos os primeiros como "Irmãos"; aliás eles mesmos não se consideram tais.

Somos três "Irmãos" na Província, com a antiga formação. Por mim, estou inteiramente integrado no trabalho da Província, sem me perguntar se sou Irmão ou não" (um Irmão espanhol, de 44 anos).

### E AMANHÃ ?

- © "...Creio que a questão dos Irmãos na Congregação - não posso falar senão quanto à Irlanda - deve ser examinada da forma seguinte: Deveremos continuar a recrutá-los? ou deixar de o fazer, como antigos soldados em via de extinção? Noutros termos: os Irmãos serão realmente necessários hoje na Congregação? Terão nela uma função a desempenhar? Há nisto muito em que reflectir!" (Um Irmão irlandês)
- © "... Se formos sérios, a respeito dos Irmãos, quando procurarmos vocações, deverá também haver um Irmão encarregado delas. Pelo menos devemos fazer a experiência." (Um Irmão irlandês, de 39 anos).

### OS "OUTROS GESTOS DE JESUS"

- © "Quando eu estava no terceiro ano de Medicina, 7 anos antes de entrar no noviciado, tinha feito votos privados. Até ao fim dos meus estudos, tentava-me a ideia de um compromisso ao serviço da Igreja como padre; e várias vezes estive quase para entrar no seminário. A minha família sempre me dissuadiu de o fazer, invocando como razão que era conveniente, antes de tudo, ter uma profissão nas mãos. Segui este conselho, e depois, o meu trabalho de médico em África satisfiz-me além de tudo o que eu podia esperar. Entretanto, via à minha volta numerosos padres em crise...

... Ao entrar no noviciado, estava pronto para tudo, mas achava que a profissão de médico devia ter o seu lugar no empenhamento religioso. Ao longo do noviciado, a ideia do sacerdócio assaltou-me verdadeiramente. Foi mesmo em diálogo com os responsáveis por mim e com os meus amigos noviços que compreendi que o Senhor me chamava a servi-Lo como religioso missionário, levando a Boa Nova da salvação em Jesus Cristo, pela mitigação dos sofrimentos dos pobres. Ignorava então o que era um "Irmão espiritano". Sabia apenas, por então, que eu não queria ser padre, e isto apesar de certas pressões involuntárias entre os meus confrades e numerosas religiosas. Foi só no encontro de Espanha que me "descobri" como Irmão, e isto com grande alegria. Desejo continuar Irmão e sinto-me à vontade no meio dos meus confrades Padres.

...Embora o leque das funções do Irmão possa ir de uma função meramente "material até uma actividade inteiramente pastoral, eu vejo o meu lugar de Irmão como complemento do do Padre. O Padre está mais exclusivamente ao serviço da Palavra de Deus, e recebeu o carisma de a interpretar de forma autorizada. Está também ao serviço da Fracção do Pão na comunidade. O Irmão incarna sobretudo outros gestos de Jesus. É talvez uma certa visão das coisas, e alguns Padres não aceitarão, sem dúvida, ver-se "relegados" unicamente para o espiritual; mas o que eu digo não é absoluto, e são possíveis numerosos matizes em torno destes pontos fortes.

... Aquilo de que eu mais gosto, na nossa condição de Irmãos, é da simplicidade do nosso empenhamento, que nos permite estar mais perto dos leigos e lembrar-lhes que também eles, do mesmo modo que nós, são chamados à santidade. O que nos

distingue deles é o nosso compromisso oficial na Igreja, assim como o nosso modo de viver e de compreender a pobreza". (Um Irmão belga, de 31 anos)

UMA EXPERIÊNCIA COLECTIVA CONCRETA : CHEVILLY.

Em Chevilly (França) , há vários anos, um grupo de Irmãos, jovens e menos jovens, começou uma reflexão e experiência. Jean-Pierre DELSARTE (Irmão francês, de 38 anos) apresentou ao Conselho Geral Ampliado de 1978 a experiência que a sua comunidade vivia.

© "... Já estávamos fartos da nossa reacção de "anticlericalismo" primário, de criticar textos capitulares...Por isso quisemos DEIXAR FALAR A NOSSA VIDA. Tentámos compreender. Procurámos provar que éramos homens, que éramos cristãos que respondem a um apelo específico num Instituto bem definido. Queríamos ser plenamente "religiosos missionários".

... Assim, durante três anos vivemos ao serviço de uma grande comunidade, a de Chevilly. Nesta grande comunidade éramos um pequeno grupo, e isto trazia os seus problemas. Os mais velhos viam com maus olhos os mais "jovens Irmãos" viver separadamente, a ponto de um Padre ficar espantado de que um "Irmão!" pudesse ter a responsabilidade moral desta fraternidade! Era problema também o quererem alguns de nós viver em comunidade de leigos consagrados, mas fora de Chevilly. A dificuldade foi regulamentada pela adopção de um objectivo comum: a reestruturação de Chevilly e a renovação dos locais para os nossos confrades da terceira idade e acolhimento de grupos cada vez mais numerosos. Isto permitia-nos um trabalho profissional no meio dos operários, com eles na construção; e permitia-nos também um trabalho de acolhimento, um testemunho de vida religiosa e missionária no meio dos grupos de passagem. Ficámos "ligados " graças à nossa vida profissional, à nossa vida apostólica, à nossa vida de oração. Três dos nossos Irmãos escolheram a nossa fraternidade para nela viverem o seu ano de formação, de noviciado".

No final do seu relatório ao Conselho Geral Ampliado de 1978, esta fraternidade de Chevilly apresentou a seguinte questão a todo o Instituto:

Quererá a Congregação espiritana, nos dias de hoje, espiritanos não-padres, a exercer um ministério diferente do ministério presbiteral?

Se os quer, que meios conta ela adoptar para chegar ao reconhecimento de vários modos de ser espiritano?

#####  
 # SIM AOS IRMÃOS #  
 #####

À questão posta : O Instituto ainda quer Irmãos? a Equipa Generalícia responde sem hesitar:

S I M.

Sim, pela fidelidade a todos os Irmãos, que , hoje como ontem, se comprometeram na Congregação.

Sim, mais ainda, por causa da comunidade espiritana. Cada Irmão é um dom de Deus à Congregação. Por ele mesmo, pelo que é, pela sua vida de religioso, é um dom à comunidade, para vivermos juntos a nossa vocação comum na Missão da Igreja.

Sim, igualmente por causa da Missão. Já hoje, e mais ainda amanhã, os leigos tomarão parte em toda a evangelização. Disse-o o Vaticano II, e muito claramente. A sua função, já importante na comunidade humana, sê-lo-á igualmente na comunidade cristã. É por eles que o Evangelho atingirá em profundidade os ambientes de vida, as culturas, as estruturas da sociedade; é por eles também que "Justiça e Paz" dará a sua plena medida. Graças a este renovoamento do lugar dos leigos, a evangelização conhecerá um

impulso, e mais ainda pelo renovamento do laicado consagrado. Pela profissão religiosa, o leigo consagrado dá-se totalmente a Deus e ao seu serviço segundo o projecto comum do Instituto; consagra-se totalmente à vocação própria e insubstituível do leigo na Missão.

A missão é tarefa de todos, padres e leigos. Contar entre os seus membros quer padres quer leigos, é para um Instituto religioso missionário, a possibilidade de renovar nos dias de hoje a sua visão missionária; é igualmente o sinal de que a Missão se realiza por padres e leigos, na diversidade e complementaridade dos ministérios. Se, em conjunto, não sentem a necessidade de colaborar ao serviço do mesmo Evangelho, nem uns nem outros renovarão a Igreja e a Missão. É este o ganha-perde, hoje, para a nossa Congregação.

### SOMOS INTERPELADOS

A nossa resposta afirmativa leva todos os espiritanos a uma visão renovada do laicado consagrado; leva ainda mais a uma visão nova da comunidade espiritana. Quantos Institutos declinam ou desaparecem, por não assumirem as correntes de renovação e não aceitarem as necessárias conversões! É precisamente neste sentido que o laicado consagrado nos interpela.

### PRIMEIRO CONVERTAMO-NOS

O mais importante da nossa conversão - e ela ultrapassa largamente a nossa opção em favor do laicado consagrado - é tomarmos verdadeira consciência do nosso "ser-espiritano". Quando é que deixaremos de nos considerar e de nos definir como "Padre" ou "Irmão"? , se somos todos, pela profissão religiosa, segundo o nosso projecto comum, RELIGIOSOS-MISSIONÁRIOS ? Somos TODOS consagrados a Deus e ao seu serviço. Chamados à Igreja e para a sua Missão, TODOS respondemos a uma vocação comum. Está nisto o fundamento da nossa comunidade fraterna, na qual todos somos "irmãos". Está nisto o fundamento da nossa unidade, dos nossos direitos e obrigações, que são os mesmos para todos.

A conversão consiste nisto : Padre ou Irmão, o nosso serviço particular não pode mais ser referência que nos divida em classes e determine, pelo facto mesmo, os nossos poderes e os nossos deveres. Espiritanos, religiosos missionários, vivemos este apelo comum na DIVERSIDADE, segundo a nossa missão na Igreja. *Há diversidade de serviços e ministérios, mas é tudo para o bem comum* (Cf. I Cor.,12). O Padre tem um serviço insubstituível. O Irmão tem um serviço insubstituível também. São complementares um do outro . A nossa conversão está em reconhecermos sinceramente a VOCAÇÃO PRÓPRIA E INSUBSTITUÍVEL DO IRMÃO.

### IRMÃO, PARA QUE MISSÃO ?

Ninguém se admirará de que não se possa dar já uma resposta exaustiva a uma tal pergunta. Estamos apenas na aurora de uma nova época missionária, dizia Paulo VI.

É possível, no entanto, indicar algumas pistas. No dom total a Deus e ao seu serviço segundo a nossa vocação comum, o Irmão é testemunha do Evangelho. Vive este testemunho em diversos ministérios, no coração da comunidade humana e cristã. Ao exercer a sua profissão, dá-lhe uma dimensão apostólica. Por meio dela pode atingir ambientes humanos , onde , por vezes, o Evangelho não penetra; pode ir para terras onde os regimes políticos excluem o apostolado directo. Há territórios onde, no quadro de obras internacionais, apenas os Irmãos seriam admitidos, se apresentarem uma alta qualificação profissional.

Mais ainda, a profissão do Irmão, por mais humana que seja, possui em si mesma um alto valor apostólico, como, por ex., no domínio da educação, do desenvolvimento, da saúde..., se bem que certas profissões tenham mais do que outras esta orientação apostólica. O importante é viver estes diversos ministérios em equipa, em comunidade fraterna, Padres e Irmãos, para dar testemunho de Cristo e da sua Missão.

O QUE DEVE MUDAR.

Uma tal perspectiva supõe uma evolução do nosso actual estatuto "clerical". Mas a situação presente - de reforma do Direito na Igreja - torna pelo menos imprudente qualquer pedido de mudança do estatuto. Se o Direito, no seu estado actual, nos impede de viver a igualdade entre Padres e Irmãos, como devia ser e como o desejaram explicitamente os nossos dois últimos capítulos gerais, sabe-se que podem ser obtidas tais permissões, e algumas o foram já.

Muitas mudanças, aliás, não dependem senão de nós, tais como a formação que deve ser mais exigente quer no plano profissional quer no plano teológico, segundo as capacidades de cada um. Algumas Províncias já têm, para todos os candidatos à vida espirítana, um primeiro estágio de formação comum. Só depois é que esta formação se diversifica em vista de conhecimentos profissionais ou de orientação para o ministério sacerdotal.

E depois, além destas exigências de formação, podemos também mudar muitos hábitos locais nas nossas comunidades, e primeiro nas nossas mentalidades, para que todos, religiosos missionários, sejamos verdadeiramente "IRMÃOS":

---

*Responsáveis pela publicação* : PP. Jean GODARD e Amadeu MARTINS  
Service d'Information C.S.Sp., Clivo di Cinna, 195  
00136 ROMA (Itália).